

CONHECENDO HIGH SCOPE E REGGIO EMILIA

Maévi Anabel Nono

UNESP – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

Departamento de Educação

São José do Rio Preto

No artigo “*Educação Infantil no Primeiro Mundo: uma visão daqui debaixo do Equador*”, Maria Malta Campos (CAMPOS, 1994, p. 323-353) contextualiza o surgimento do modelo curricular da Fundação *High/Scope* e relaciona algumas de suas principais características. Para a pesquisadora, tal modelo se relaciona a um projeto de sociedade mais amplo, de formação de “[...] indivíduos autônomos, confiantes em si, conscientes de sua identidade, prontos para se afirmar e competir numa sociedade individualista como a norte-americana” (p. 323).

De acordo com Ana Beatriz Rocha Lima (2004, p. 227),

“O currículo do modelo *High Scope* para a educação infantil é um sistema aberto de ideias e práticas educacionais baseado no desenvolvimento espontâneo das crianças proposto inicialmente por Weikart e colaboradores na década de 60”.

David P. Weikart refere-se ao currículo *High/Scope* da seguinte maneira:

O currículo *High/Scope* é uma abordagem aberta de teorias do desenvolvimento e práticas educacionais que se baseia no desenvolvimento natural das crianças. Atualmente este currículo é usado em milhares de programas de educação infantil nos Estados Unidos e em outros países. Baseado nas ideias de Piaget acerca do desenvolvimento infantil, o Currículo *High/Scope* considera a criança como aprendiz ativo que aprende melhor a partir das atividades que ela mesma planeja, desenvolve e sobre as quais reflete. Os adultos organizam as áreas de interesse no ambiente de aprendizagem; mantêm a rotina diária que permite às crianças o planejamento e busca de suas próprias atividades; e juntam-se às atividades das crianças para ajudá-las a refletir. Os adultos encorajam as crianças a envolverem-se em experiências-chave, ajudam-nas a aprender a fazer escolhas, a resolver problemas e a engajar-se em atividades que promovam o desenvolvimento

intelectual, social e físico. Décadas de pesquisas indicam que isto funciona, promovendo significativamente as oportunidades de vida das crianças participantes. (WEIKART, 2004, p. 23)

No artigo publicado na *Revista Contrapontos*, da Universidade do Vale do Itajaí, intitulado “Uma experiência de formação continuada na Educação Infantil do CAU/UNIVALI”, as pesquisadoras Eliana Bhering e Maria Helena Cordeiro, com a ajuda de três alunos do curso de Pedagogia da UNIVALI, relatam um trabalho que vêm desenvolvendo junto às educadoras e à coordenadora do Colégio de Aplicação UNIVALI – CAU (BHERING et al, 2004).

Esse trabalho incluiu o estudo da proposta norte-americana *High/Scope* e teve como objetivo “[...] provocar uma reflexão sobre a prática vigente a partir do referencial do *High/Scope*, uma vez que esta abordagem dá ênfase à ação do adulto em relação às atividades disponíveis para as crianças e enfatiza a importância da reflexão sobre a atuação do adulto para apoiar o desenvolvimento dos projetos e atividades propostas pelas crianças e a elas disponíveis” (BHERING et al, 2004, p. 217).

Bhering et al (2004) apontam as mudanças que ocorreram no Colégio de Aplicação da UNIVALI a partir do estudo dos pressupostos do modelo curricular *High/Scope*. Destaca que as salas foram sendo reorganizadas em cantinhos, nos quais os materiais passaram a ficar cada vez mais disponíveis para as crianças, de modo que elas pudessem selecioná-los de acordo com seus interesses.

Ao aprender nos cantos, as crianças demonstraram desenvolvimento de iniciativa e de autonomia, buscando materiais em diversos cantos para realizar suas atividades e executar suas ideias.

Os cantos organizados foram os seguintes, de acordo com as autoras: o da sucata (caixas de embalagens de plástico, de papelão, pedras, recortes de papéis, linhas, latas, palitos, canudos); dos jogos (jogos infantis em geral como memória, cilada, cartas, varetas, blocos lógicos, jogos de encaixe); da fantasia (fantasias, adereços e acessórios, fantoches); da casinha (peças de casa em miniatura, como mesinhas e cadeiras, peças de cozinha em desuso como panelas, potes plásticos; aparelhos eletrônicos em desuso como teclados de computadores, telefones, câmera fotográfica, ferro de passar); das artes (cola, tesoura, tintas, folhas, papel picado, fita adesiva, pincéis); dos brinquedos (bonecas e bonecos, carrinhos, aviões, berço); e da literatura (livros, jornais, revistas e dicionários).

A respeito dos cantos organizados no Colégio de Aplicação da UNIVALI, a partir dos estudos do modelo *High/Scope*, Bhering et al afirmam:

Visando facilitar o desenvolvimento das atividades nos cantos e aumentar as possibilidades de ação e a autonomia das crianças, as professoras, aos poucos, foram estruturando os cantos de maneira que as atividades realizadas pelas crianças se tornassem mais complexas e desafiadoras. Notavam que as crianças tinham necessidades de ter mais materiais para mantê-las motivadas e inspiradas. Desta forma, estimulava-se os interesses e iniciativas das crianças para atuar nos cantos, ampliando suas aprendizagens. Alguns cantos foram levados para o corredor, para que outras crianças também os pudessem utilizar favorecendo assim a interação entre diferentes faixas etárias (isto foi feito já com vistas na implementação de grupos de idades mistas). O corredor é um espaço amplo que não era utilizado para este fim até então. (BHERING et al, 2004, p. 221).

Ainda, a respeito das mudanças efetuadas no Colégio de Aplicação da UNIVALI com base no modelo *High/Scope*, Bhering et al (2004) apontam a reestruturação da lista de materiais regularmente pedida aos pais dos alunos da instituição (com o objetivo de enriquecer os cantos), mudanças na rotina diária do Colégio, organização integrada entre as salas com maior interação entre as crianças.

Sobre a rotina adotada, Bhering et al escrevem:

A rotina foi construída a partir de uma estrutura baseada na abordagem *High/Scope*, tomando o seguinte formato: chegada na sala, assembleia inicial, atividade nos cantinhos (“tempo livre”), higiene, lanche, escovar os dentes, parque, atividade dirigida em grande grupo, assembleia final. Todos estes momentos eram coordenados pela professora, levando em conta as características próprias às idades e preferências das crianças. Note que, ao permitir que o tempo livre aconteça e que haja uma atividade dirigida pela professora para o grande grupo, as professoras e crianças começam a compartilhar o controle das decisões: em uma parte da rotina as crianças podem decidir o que fazer (e a professora interage com elas o tempo todo para que ela possa planejar novos cantinhos, trazer novos materiais e propor novos desafios) e na outra parte, a professora dirige a atividade que geralmente visa à aquisição ou prática de uma habilidade e/ou conhecimento específico. As atividades das crianças, em determinados momentos da rotina diária, podiam ser realizadas individualmente, em pequenos grupos e em grande grupo. (BHERING et al, 2004, p. 221).

No artigo “Autoridade e autonomia: uma relação entre a criança e a família no contexto infantil”, escrito por Analúcia de Moraes Vieira (2009) – e que vocês podem acessar a partir do *link* correspondente indicado nas referências bibliográficas, caso desejem ler o artigo completo –, a pesquisadora relata resultados de investigação realizada durante seu pós-doutorado em Braga, Portugal, no ano de 2008. Analúcia Vieira acompanhou o trabalho desenvolvido por dois Jardins de Infância que se inspiram no modelo curricular *High/Scope*.

Lendo o artigo escrito por ela, vamos descobrindo um pouco mais a respeito desse modelo de currículo para a infância. Alguns excertos extraídos do artigo revelam a concepção de criança que fundamenta o modelo *High/Scope* e o papel do professor de crianças pequenas. Mostram também o conceito de clima de apoio:

Nos dois jardins em que estive realizando meu pós-doutorado no ano de 2008, o trabalho pedagógico se inspirava na abordagem curricular pelo modelo *High/Scope*. Nele a criança é constantemente desafiada a ter uma relação activa com os objectos como forma de construção do conhecimento. Neste sentido a criança é um ser social interactivo dentro de uma perspectiva de planejar-fazer-rever. Essa acção baseada nos trabalhos de Piaget tem um rebatimento com a autonomia dada e construída pela criança em conjunto com a educadora e a auxiliar no âmbito do quotidiano infantil e também tem um cruzamento com a autoridade relacional entre essas três entidades.

[...]

Numa prática que efectiva a acção da criança sobre os objectos, as pessoas e o meio, a criação de espaços que possibilitem e permitam à criança apreender sobre tudo isso é relevante. A criança deve se tornar, à medida do possível, produtora de seu conhecimento na acção. Dessa forma, a educadora, a auxiliar e os pais devem oferecer à criança, amplamente, a oportunidade de se auto-reflectir, de manifestar seus desejos e impulsos no acto de realizar suas actividades com outras crianças. Além disso, fazer com que a criança seja capaz de tomar suas próprias decisões, ter seus julgamentos observados e reflectidos e, acima de tudo, oferecer-lhe a oportunidade de resolver seus próprios problemas sozinha ou com a ajuda de outra criança. O que na abordagem do modelo *High/Scope* denomina-se criação de um clima de apoio. (VIEIRA, 2009, p.1-2).

Analúcia Vieira utiliza-se do conceito de apoio, fornecido por Hohmann e Weikart, para fundamentar sua argumentação:

Um clima de apoio interpessoal é essencial para a aprendizagem activa porque esta é, basicamente, um processo interactivo. Consequentemente, um dos principais objectivos do programa High/Scope consiste em apoiar os adultos de modo a que estes possam criar e manter ambientes em que a interacção com as crianças seja positiva. Assim elas podem trabalhar e brincar com pessoas e objectos libertas de medos, ansiedades ou de aborrecimento e negligência. Este objectivo nasce das conclusões retiradas da investigação psicológica segundo a qual o processo básico que a criança tem para construir o conhecimento social, emocional, intelectual e físico advém de uma aprendizagem de tipo activo. (HOHMANN; WEIKART, 2003, p. 63 apud VIEIRA, 2009, p. 2).

Analúcia escreve, em outro artigo (VIEIRA, 2008), resultante também de seus estudos de pós-doutorado nos dois Jardins de Infância, com pressupostos teóricos do modelo curricular High/Scope – que pode ser acessado por meio do *link* indicado nas referências bibliográficas, caso vocês desejem –, um pouco mais sobre a relação entre os adultos e as crianças nesse modelo, como vocês podem ler no excerto a seguir:

Segundo Hohmann e Weikart (2003), a abordagem construtivista do modelo High/Scope ocorre numa aprendizagem pela ação entre os adultos e as crianças. Nesse sentido, os adultos são mediadores e apoiantes nas conversas, diálogos e brincadeiras das crianças. Eles compartilham o controle com as crianças de uma maneira interativa, centrando em aspectos da criação, do talento, na busca de resolução de problemas sociais em conjunto. (VIEIRA, 2008, p. 34).

A autora retoma as afirmações de Hohmann e Weikart acerca de interação para reforçar suas argumentações:

Este estilo de interacção permite à criança expressar com liberdade e confiança os seus pensamentos e sentimentos, decidir acerca da direcção e conteúdo da conversa e experimentar uma partilha verdadeira no diálogo. Os adultos apoiam as suas intervenções com encorajamentos de acordo com uma abordagem de resolução de problemas. Utilizam estas estratégias como base para lidar com situações diárias da sala de aula, em detrimento da aplicação de estratégias apoiadas num sistema de controlo da criança através do elogio, da punição ou do reforço (HOHMANN; WEIKART, 2003, p. 6 apud VIEIRA, 2008, p. 34)

No artigo “Narrativas infantis: um estudo de caso em uma instituição infantil”, publicado no periódico “Educação e Pesquisa”, Tizuko Morchida Kishimoto, Maria Leticia Ribeiro dos Santos e Dorli Ribeiro Basílio (2007) relatam uma pesquisa realizada em uma sala de atividade, reformulada em 2003, conforme pressupostos do modelo curricular *High/Scope* e enriquecido com a Abordagem de Projetos.

Segundo as pesquisadoras, enfrentando a pedagogia tradicional adultocêntrica, uma professora de Educação Infantil, sujeito da pesquisa relatada no artigo, conduz projetos com a participação das crianças em uma sala com áreas diversificadas para brincadeiras livres.

Ao utilizar a abordagem de projetos integrada aos pressupostos do *High/Scope*, a professora valoriza os saberes e as narrativas das crianças durante a construção de uma bruxa com caixa de papelão.

Segundo Kishimoto, Santos e Basílio,

O *High/Scope* (Hohmann; Banet; Weikart, 1995; Hohmann; Weikart, 1997; Post; Hohmann, 2000), que utiliza concepções de Piaget e Smilanski, tem como pressupostos: a organização de experiências-chave, a aprendizagem pela ação, a interação adulto e criança, as áreas de aprendizagem, os registros; e o planejar, fazer e rever. A reorganização do espaço físico, em áreas de aprendizagem, facilita a ação protagonizada das crianças que desenvolvem experiências por elas iniciadas. Essa abordagem, desde os anos 90 do século passado, começa a fazer parte das reflexões dos profissionais da Educação Infantil no Brasil. (KISHIMOTO; SANTOS; BASÍLIO, 2007, p. 429-430).

Para saber ainda um pouco mais sobre o modelo curricular *High/Scope*, fazemos referência ao artigo publicado por Fernanda Müller (2002), intitulado “Educação Infantil na Inglaterra: um olhar desconfiado sobre a escolarização das crianças pequenas”. Neste artigo, a pesquisadora analisa as práticas de uma escola de Educação Infantil inglesa, da região de Cambridgeshire, que, com certa autonomia, segue alguns princípios do currículo da Fundação *High/Scope*.

Fernanda percebe que o currículo da creche analisada por ela na região de Cambridgeshire enfatiza metas e objetivos para a aprendizagem das crianças referentes à autoconfiança, à autoestima, à linguagem e movimentação física. No currículo dessa creche, há a ideia de que as crianças precisam construir autonomia e ter liberdade de escolha de suas ações na creche.

Até agora, nesse texto, tratamos de estudos referentes ao modelo curricular da Fundação *High/Scope*. Vamos, a partir deste momento, tratar da abordagem adotada nas escolas da infância da cidade de Reggio Emilia, localizada na Itália.

As escolas de Reggio Emilia foram organizadas por um grupo de educadores, pais e alunos voluntários após a Segunda Guerra Mundial. A preocupação deles era a de organizar um sistema de escolas para as crianças pequenas, melhorando a vida das crianças e de suas famílias após todo o sofrimento e devastação causados pela guerra.

De acordo com Carolyn Pope Edwards, no artigo “Boa escolarização para as crianças de amanhã” (EDWARDS, 2009), as escolas da infância de Reggio Emilia, que tiveram Loris Malaguzzi como seu diretor fundador, evoluíram de um movimento cooperativo de pais para um sistema administrado pela prefeitura e exercem, hoje, um papel de liderança na inovação educacional na Itália, na Europa e em todo o mundo.

Em seu artigo, Carolyn Pope Edwards (2009) enfatiza que a abordagem de Reggio Emilia não deve ser encarada como um modelo educacional a ser copiado por outras escolas. Mas, os princípios centrais de tal abordagem e as experiências vividas pelas escolas dessa cidade italiana podem ser discutidos por outros educadores que desejem refletir sobre o trabalho que desenvolvem nos contextos em que vivem.

Os princípios centrais da abordagem de Reggio Emilia, segundo Edwards (2009, p. 8), são os seguintes: 1) a imagem da criança como aprendiz competente e poderoso, 2) o professor como facilitador da aprendizagem e como pesquisador das experiências de aprendizagem das crianças, 3) o ambiente como outro professor, o qual oferece provocações para o aprendizado das crianças, 4) o currículo como provocação para as investigações a longo prazo das crianças em áreas de seu interesse, 5) as possibilidades oferecidas em apoio à aprendizagem das crianças quando pais, professores, alunos e a comunidade colaboram no processo de aprendizagem, 6) o processo de documentação como meio de tornar a aprendizagem visível e aprofundá-la por meio da reflexão e de perguntas adicionais.

No número 43 da *Revista Criança do professor de Educação Infantil*, foi publicada uma entrevista com Bruna Elena Giacomini e Lanfranco Bassi (2007), intitulada “Reggio Emilia: uma experiência inspiradora”. Bruna é pedagoga formada pela Universidade de Bologna e coordenadora pedagógica da Prefeitura de Reggio Emilia. Lanfranco é um educador que ocupa a função de atelierista em uma das escolas da infância da cidade de Reggio Emilia.

Na entrevista, concedida a Vitória Faria e Alex Criado e traduzida do italiano por Fernanda Landucci Ortale e Ilse Paschoal Moreira, são discutidas questões relacionadas às relações entre o cuidar, o educar e o brincar em Reggio Emilia, ao papel do atelierista nas

escolas da infância, à formação dos profissionais que trabalham nas escolas da infância e nas creches da cidade italiana e também questões relacionadas à participação das famílias nas escolas que atendem às crianças pequenas naquela região da Itália.

Leiam um pequeno trecho da entrevista, no qual Elena Giacomini responde à seguinte questão: “Como se desenvolvem as relações entre o cuidar, o educar e o brincar em Reggio Emilia?”

Na nossa experiência, pensamos em uma menininha e um menino que auto-aprende e constrói o próprio conhecimento na relação com os outros. Isso significa que, na creche e na escola da infância, o preparo de contextos de brincadeiras e de experiências assume importância particular e é responsabilidade pedagógica do professor. O percurso educativo entrelaça todos os momentos do dia, remete a situações de brincadeiras, de diálogo entre crianças e adultos, crianças entre si e adultos entre si. É uma visão sistêmica, nunca previsível e repetitiva, que não pressupõe aulas por parte do professor. Os meninos e as meninas têm, de fato, o direito a um lugar educativo pensado para eles, onde possam se arriscar, escolher como se expressar, ser ouvidos e ouvir, experimentar diversas linguagens e conteúdos, assumir posturas investigativas, experimentar situações de grupo grande e pequeno.

Os professores estão comprometidos em valorizar os processos de conhecimento das crianças e procuram tornar visível e, portanto, compreensível, as diversas estratégias cognitivas que as crianças adotam e os diferentes percursos que realizam. Questionam-se sobre a relação ensino/aprendizagem e sobre como se aprende a aprender. Estão comprometidos em tornar explícita a cultura elaborada e produzida pela infância, em dar voz às crianças.

É por isso que gostamos de enfatizar que os adultos aprendem com as crianças, aprendem como as crianças constroem as suas peculiares teorias cognitivas. Estas são, com certeza, teorias provisórias, moles, como as definia Loris Malaguzzi, capazes de serem rapidamente modificadas, mas importantes porque nos ajudam a entender as ideias, as representações mentais e emocionais que as crianças ativam e elaboram. (GIACOPINI; BASSI, 2007, p. 5).

Tanto o modelo curricular High Scope como a abordagem das escolas de Reggio Emilia podem nos ajudar a refletir sobre as escolas de Educação Infantil brasileiras. Sem dúvida,

as diferenças culturais, econômicas, e a própria trajetória das creches e pré-escolas devem ser levadas em conta quando, com base em diferentes modelos, analisamos o modelo que temos e, mais que isso, que estamos construindo.

REFERÊNCIAS



BHERING, E. et al. Uma experiência de formação continuada na Educação Infantil do CAU/UNIVALI. **Contrapontos**, Itajaí, v. 4, n. 1, p. 215-224, jan/abr. 2004. Disponível em: <<https://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/757/609>>. Acesso em: 12 nov. 2009.

CAMPOS, M. M. Educação Infantil no Primeiro Mundo: uma visão daqui debaixo do Equador. In: ROSEMBERG, F.; CAMPOS, M. M. (Org.). **Creches e pré-escolas no hemisfério Norte**. São Paulo: Cortez/Fundação Carlos Chagas, 1994. p. 323-353.

EDWARDS, C. P. Boa escolarização para as crianças de amanhã. **Pátio Educação Infantil**, ano VI, n. 18, p. 6-9, nov. 2008/fev. 2009.

GIACOPINI, B. E.; BASSI, L. Reggio Emília: uma experiência inspiradora. Vitória Faria e Alex Criado. **Revista Criança do Professor de Educação Infantil**, Brasília: SEB/MEC, 43, ago. 2007, p. 5-8. Disponível em: <http://www.oei.es/noticias/IMG/pdf/revista_crianca43.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2009.

KISHIMOTO, T. M.; SANTOS, M. L. R.; BASÍLIO, D. R. Narrativas infantis: um estudo de caso em uma instituição infantil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 427-444, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v33n3/a03v33n3.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2009.

LIMA, A. B. R. Aprendizagem ativa: ideias para o apoio às primeiras aprendizagens. **Contrapontos**, Itajaí, v. 4, n. 1, p. 227-232, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/758/610>. Acesso em: 12 nov. 2009.

MÜLLER, F. Educação Infantil na Inglaterra: um olhar desconfiado sobre a escolarização das crianças pequenas. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (ANPED), n. 25, 2002, Caxambu. **Anais**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/25/posteres/fernandamullerp07.rtf>>. Acesso em: 20 dez. 2009.

VIEIRA, A. M. Autoridade e autonomia: uma relação entre a criança e a família no contexto infantil. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madri: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI), n. 49/5, p. 1-10, mai. 2009. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/2964Morais.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2009.

VIEIRA, A. M. As vozes no contexto infantil: a polarização em destaque. **Zero-a-seis**, n. 18, ago./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/8041/8076>>. Acesso em: 15 nov. 2009.

WEIKART, D. P. A abordagem do currículo High/Scope da Educação Infantil. **Contrapontos**, Itajaí, v. 4, n. 1, p. 23-42, abr. 2004.